O Cajón, os Ritmos Brasileiros, a Percussão Corporal e a Mano Rítmica.

Para alunos, professores, arranjadores, regentes de grupos percussivos e interessados na percussão e na leitura rítmica com sinais manuais.

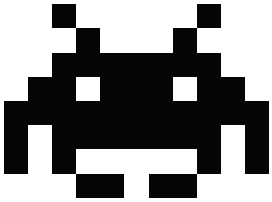
Diogo Brandão

Proposta do livro

O presente livro se divide em duas partes, a primeira voltada ao Cajón e aos gêneros musicais (ritmos) brasileiros, a segunda dedicada aos ritmos brasileiros adaptados à percussão corporal, além de apresentar uma abordagem de ensino e aprendizagem de leitura rítmica com sinais manuais, destinada a regência de grupos percussivos, denominada pelo autor de Mano Rítmica. Tendo como material complementar de estudo: links de vídeos de exemplos de levadas rítmicas de cajón, links de videos de levadas de percussão corporal, textos, playlists exclusivas e outras selecionadas, sugestões de literatura relacionada, links de documentários e entrevistas no Youtube, links de matérias jornalísticas e podcasts relacionados aos gêneros musicais abordados no livro.

O livro é destinado a todos aqueles que têm interesse no instrumento afro peruano Cajón, adaptado aos gêneros musicais brasileiros e a professores e demais interessados em explorar possibilidades da percussão corporal e de regência de grupos percussivos de forma criativa e didática, através da Mano Rítmica. Proposta desenvolvida pelo autor no Ginásio do Samba Escola Chile, em Olaria no Rio de Janeiro, com turmas do 7° ao 9° ano do ensino fundamental II, de 2015 a 2022 e no estágio docente ministrado no Programa de Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais - PROEMUS - na UNIRIO, em 2021.

Que comecem os jogos!



Sumário

Proposta do livro_01

Introdução_05

Sobre o autor_08

Breve história do cajón no Brasil e no mundo_11

O tipo de contagem utilizada no livro_13

O que é manulação?_15

1ª PARTE: O Cajón e os gêneros musicais brasileiros._16

Legenda de toques_17

Postura_18

Metrônomo_19

Exercícios introdutórios_20

Tipos de levadas uilizadas no livro com indicação de estudo_29

Gêneros musicais brasileiros ou levadas rítmicas brasileiras (em ordem de progressão pedagógica)_30

Material para estudo relacionado a cada gênero musical apresentado no livro_31

Levadas rítmicas para cajón e estudo relacionado a cada gênero musical_32

Afro Samba_105
Arrasta pé/Quadrilha ou Marcha junina_177
Arrocha_181
Baião_43
Balaio_135
Blues e Blues Rock_146
Boi bumbá (Amazonense)_57
Boi de costa de mão ou sotaque de Pururucu (Maranhense)_69
Boi de Mamão_73
Boi de Matraca ou sotaque da Ilha (Maranhense)_60
Boi de orquestra (Maranhense)_71
Boi de zabumba ou sotaque de Guimarães (Maranhense)_66
Bolero_95
Bossa-nova_127
Bumba-meu-boi (Maranhense)_59
Bumba-meu-boi sotaque da Baixada ou sotaque de Pindaré (Maranhense)_64
Caboclinhos/Cabocolinhos_81
Calango_88
Carimbó_89
Cavalo-marinho_75
Chimarrita_91
Choro/Chorinho_92
Ciranda praieira_33
Coco_47
Folia de Reis_55
Frevo canção ou Marcha_131
Frevo (instrumental) ou Frevo de rua_132
Funk (Norte-americano)_162
Funk Carioca_160
Guarânia_99
Ijexá_39
Jongo/Caxambu/Tambu ou Tambor ou Batuque_79
Maculelê_86
Maracatu de baque solto ou Maracatu rural_175
Maracatu de baque virado ou Maracatu nação_164
Marcha Rancho/Marchinha_41
Maxixe/Tango brasileiro_94
Pagode baiano/Pagodão/Swingueira ou Quebradeira_119
Partido Alto/Samba de partido-alto/Partido_108
Pisadinha ou Piseiro_179
Pop_142
Pop Rock_140
Raggae_156
Reggaeton_159
R&B_150
Rock Anos 60_144
Rock_136
Samba_100
Samba-canção_106
Samba de enredo/Samba-enredo ou Samba de quadra_121
Samba de roda (do Recôncavo baiano)_112
Samba duro/Samba junino ou Samba duro junino_123
Samba Raggae_116

Samba rock/Sambalanço ou Samba-soul_125
Samba rural paulista ou Samba de bumbo (de Pirapora)_114
Ska_155
Tambor de crioula_129
Valsa brasileira_77
Vanera/Vanerinha/Vanerão_97
Xaxado_50
Xote_35
Zé Pereira_53

2ª PARTE: A percussão corporal e a abordagem Mano rítmica._183

Sobre a percussão corporal abordada no livro_183

O que é música corporal ou percussão corporal?_184

Fotos e links dos toques usados no livro_185

Levadas de percussão corporal_188

Afro Samba_196
Arrasta pé/Quadrilha ou Marcha junina_203
Arrocha_203
Baião_189
Balaio_199
Blues e Blues Rock_200
Boi bumbá (Amazonense)_190
Boi de costa de mão ou sotaque de Pururucu (Maranhense)_191
Boi de Mamão_192
Boi de Matraca ou
sotaque da Ilha (Maranhense)_190
Boi de orquestra (Maranhense)_191
Boi de zabumba ou sotaque de Guimarães (Maranhense)_191
Bolero_195
Bossa-nova_198
Bumba-meu-boi sotaque da Baixada ou sotaque de Pindaré (Maranhense)_191
Caboclinhos ou Cabocolinhos_193
Calango_194
Carimbó_194
Cavalo-marinho_192
Chimarrita_194
Choro ou Chorinho_195
Ciranda praieira_188
Coco_189
Folia de Reis_190
Frevo_199
Funk (Norte-americano)_202
Funk Carioca_202
Guarânia_195
Ijexá_188
Jongo/Caxambu/Tambu/Tambor/Batuque_192
Maculelê_194
Maracatu de baque solto ou Maracatu rural_203
Maracatu de baque virado ou
Maracatu nação_202 e 203
Marcha Rancho/Marchinha_189
Maxixe ou Tango brasileiro_195
Pagode baiano/Pagodão/Swingueira ou Quebradeira_197
Partido Alto/Samba de partido-alto ou Partido_196
Pisadinha ou Piseiro_203
Pop_200
Pop Rock_199
Raggae_201
Reggaeton_201
R&B_201
Rock Anos 60_200
Rock_199
Samba_196
Samba-canção_196
Samba de enredo/Samba-enredo ou
Samba de quadra_198
Samba de roda (do Recôncavo baiano)_197
Samba duro/Samba junino ou
Samba duro junino_198
Samba Raggae_197
Samba rock/Sambalanço ou Samba-soul_198
Samba rural paulista ou Samba de bumbo (de Pirapora)_197
Ska_201
Tambor de crioula_199
Valsa brasileira_192
Vanera/Vanerinha ou Vanerão_195
Xaxado_189
Xote_188
Zé Pereira_190

Introdução à Mano Rítmica: Leitura rítmica com sinais manuais como abordagem de ensino e aprendizagem_206

Notas sobre a execução dos sinais manuais_207

Sinais manuais de figuras e células rítmicas, de tempo e de partes de tempo_209

Grafias correspondentes: notação rítmica convencional, solfejo rítmico e comunicação oral_212

Proposta de curso Mano Rítmica em 15 aulas associada ao cajón brasileiro e à percussão corporal_213

Aula 1_213
Aula 2_216
Aula 3_220
Aula 4_223
Aula 5_227
Aula 6_228
Aula 7_229
Aula 8_229
Aula 9_230
Aula 10_231
Aula 11_231
Aula 12_232
Aula 13_233
Aula 14_233
Aula 15_234

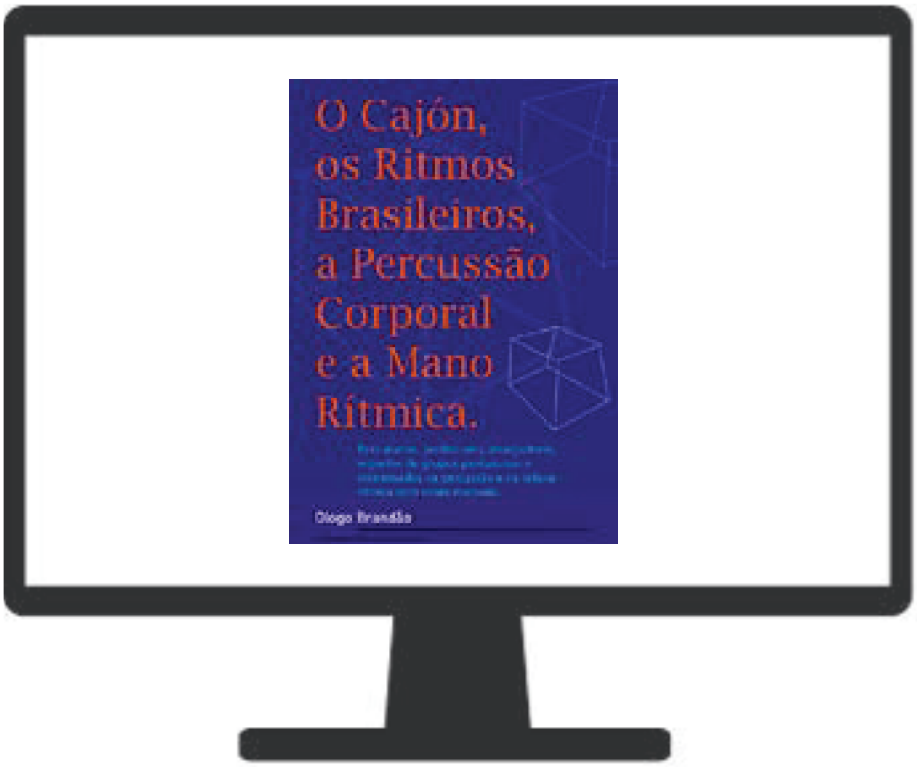
Bibliografia_235

Arte e diagramação:
Diogo Brandão

Editoração de partituras:
Daniel Moreira

Audiovisual exclusivo do livro:
Felipe Monteiro

2023- EDITORA BRANDÃO BOOKS



Introdução

Bem vindos ao vasto campo de possibilidades do mundo da percussão. Teremos aqui um pequeno recorte deste universo. O presente livro é o produto resultante do PROEMUS, Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais da Unirio, uma Universidade federal do Rio de Janeiro. Diogo Brandão é professor de música da prefeitura do Rio de janeiro licenciado pela Unirio em 2009, além de percussionista, compositor, ator, roteirista e diretor de audiovisual. Nascido em São Paulo, no dia 29 de abril de 1981, possui pós graduação em roteiro para Cinema, TV, Web e Multiplataformas pela Universidade Veiga de Almeida UVA (2018) e há mais de dez anos é professor de música em escolas particulares e públicas na cidade do Rio de Janeiro.

O LIVRO

1° PARTE:

O cajón

O cajón é um instrumento portátil, de baixo custo e durável. Os ritmos brasileiros são adaptáveis ao instrumento em diversos níveis de complexidade, que vão desde levadas simples com poucos elementos em andamentos mais lentos, até levadas mais complexas com muitos elementos, toques simultâneos em andamentos acelerados, a depender do estilo. É portanto um instrumento que pode atender ao estudante iniciante e ao músico profissional. Pode ser tocado sozinho ou em grupo, de forma instrumental ou acompanhado do canto do próprio percussionista e de outros cantores, o que o torna um instrumento de percussão atraente para percussionistas cantores e educadores, como o autor deste livro.

Os ritmos brasileiros

Os ritmos brasileiros ou gêneros musicais brasileiros[1] são algumas das assinaturas estéticas, filosóficas e conceituais da nossa música e da nossa identidade cultural. Nesta nossa pluralidade de ritmos, temos provas das nossas origens tão diversas que resultaram na formação de um povo que é miscigenado não apenas pela enorme quantidade de variantes étnicas, mas pela diversidade musical e criativa que de tão grande, seria impossível abarcar em um único livro.

Vamos fazer aqui um recorte de panorama de ritmos de várias regiões do país de forma não superficial, mas assumidamente generalista. O intuito é que este livro seja uma porta de entrada para o vasto e profundo campo de estudo dos ritmos brasileiros. Dos mais conhecidos e midiáticos, aos mais desconhecidos e até esquecidos e pouco praticados em regiões remotas. Das modas que o tempo dirá se são passageiras, às modas que resistiram ao tempo. Dos ritmos marginalizados e perseguidos aos que conquistaram o seu espaço neste panteão que hoje chamamos de música brasileira.

1 Faço aqui o mesmo uso da expressão empregada por Thaís Bezerra, quando a autora afirma que “Embora a noção de gênero musical esteja atualmente ligada a outros fatores, de ordem cultural e social, que se expressam através da dança, do canto, de manifestações musicais, teatrais, hábitos, funções sociais, e etc, no presente trabalho consideraremos principalmente os aspectos musicais” (BEZERRA, Thaís. Tá no Batuque: Ensino de Instrumentos de Percussão para Bloco de Carnaval”. Rio de Janeiro: 1ª Ed. T. Bezerra, 2018).

2° PARTE:

A percussão corporal

A percussão corporal faz uso do instrumento que sempre esteve ao alcance dos seres humanos desde sua existência, o próprio corpo humano. Instrumento este que acompanha o indivíduo a todo lugar, o tempo todo. Sendo assim, praticar, aprender e ensinar percussão corporal deveria ser um caminho óbvio para todo aquele que se interessa por percussão, mas não é. Diante de tantas possibilidades timbrísticas e sonoras de abordagens de técnicas de percussão corporal, optamos aqui por adaptações dos ritmos brasileiros abordados no livro em possível acompanhamento de canções pelo próprio percussionista praticante, evitando-se assim toques nas bochechas e na boca, mas usando desde levadas com apenas dois tipos de toques usando mãos e braços, até levadas com quatro tipos de toques usando pés, pernas, tronco e mãos.

A Mano Rítmica

A Mano Rítmica é uma abordagem de ensino-aprendizagem desenvolvida pelo autor desde 2015, que tem por objetivo fazer uso de sinais manuais que representam figuras, células rítmicas, pausas e comandos de regência voltados a leitura rítmica em tempo real, sem o auxílio de caderno, quadro branco, telas e etc. A abordagem pode ser aplicada em aulas individuais, em grupos e/ou apresentações musicais com foco nos gêneros musicais brasileiros e na criação de arranjos, associada ao cajón, percussão corporal, além de sua utilização no âmbito da pedagogia musical e da improvisação rítmica.

Diogo Brandão

Sobre o autor

Formação; Infância e Juventude

Meu pai, Chiquinho Brandão, foi ator e músico. Conheceu minha mãe, Enierre Rachel, atriz e dançarina, na UFBA (Universidade Federal da Bahia). No início dos anos 80, o músico de Jaú, interior de São Paulo, era estudante de flauta transversal e a dançarina soteropolitana, estudava dança contemporânea. Acho curioso e simbólico o fato do estudo em uma universidade federal, ter possibilitado o encontro dos meus pais. Ambos me influenciaram no amor e na eterna busca pelo conhecimento.

Nasci na capital paulista, São Paulo, concebido no bairro da Liberdade. Na capital, vivi com os meus pais até os seis anos de idade. O casal de artistas se separou quando eu tinha então seis anos. Morei com minha mãe em Salvador dos seis aos dez anos. Lá, fui alfabetizado e tive um contato marcante como espectador da cultura afro baiana, sobretudo com os blocos afro e suas ricas misturas de gêneros musicais afro brasileiros. Aos dez anos de idade, pedi para morar com o meu pai no Rio de Janeiro.

Naquele ponto da vida, meu pai já tinha construído uma bela carreira na música, tendo gravado discos como “Saudade do Brasil” com a Elis Regina e tendo feito turnês nacionais e internacionais como flautista e como ator do grupo de teatro “Ornitorrinco”. Além disso, era um artista em ascensão, premiado no cinema e “no ar” em novelas da Rede Globo. No entanto, em 1991, Chiquinho sofreu um acidente automobilístico fatal. Minha mãe veio para o Rio para cuidar de mim e não voltou mais para Salvador, depois passou num concurso público como professora de artes cênicas do município do Rio de Janeiro.

Foi o ofício da minha mãe de professora que me criou e que nos sustentou ao longo de muitos anos. Um salto no tempo; hoje sou artista (músico, roteirista e diretor) por influência dos meus pais e professor de música, também por influência da mãe professora e do pai artista. Costumo dizer que no meu caso, o “professor” é o mecenas do “artista” e o artista sempre aprende e ensina, sob as asas desse professor. Ambos, professor e artista, são eternos aprendizes. Sou muito grato aos meus pais por tudo, e esse livro é totalmente dedicado aos dois.

Formação acadêmica; Graduação

Me formei na UNIRIO em 2010, como professor de música. Quase fiz o curso de MPB na realidade, mas por influência da minha mãe e da nossa história bem sucedida de sobrevivência digna no Rio de Janeiro, optei pela licenciatura.

Confesso que no início do curso via o magistério como um possível "plano B" e foi apenas no estágio, sob orientação da professora Silvia Sobreira, diante de uma turma de alunos que olhavam para aquele professor estreante, que me dei conta de que poderia me tornar um bom professor. Ao longo da vida tive alguns professores e professoras excelentes e a Silvia Sobreira foi fundamental nessa auto descoberta como professor. Muito obrigado Silvia! Depois disso levei mais a sério a missão que era me formar em licenciatura. Minha monografia já mostrava uma preocupação mais aprofundada sobre os desafios do ofício e tinha como título: "Educação musical no Brasil de Hoje, com baixos recursos". O estágio me mostrou que nem sempre eu teria uma sala de música cheia de instrumentos para desenvolver um trabalho de excelência musical com os alunos. Diante desse quadro, que assuntos, técnicas, metodologias e materiais alternativos usar e ou abordar? Esse tipo de preocupação e busca me acompanham até hoje, mais de dez anos depois.

Atividades de Formação; Pós-Graduação

Minha primeira Pós Graduação foi na área de cinema; "Roteiro para Cinema, TV, Web e Multiplataformas". Atualmente voltei aos estudos pedagógicos musicais através do "Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais", PROEMUS, na UNIRIO.

Docência e Pesquisa

Fui um dos músicos e professores da oficina de percussão do Bloco Thriller Elétrico, com repertório dedicado a obra de Michael Jackson rearranjada para os ritmos brasileiros. Fui aluno da escola de percussão Batucadas Brasileiras, onde tive aulas com os mestres Jorginho Gomes e Sérgio Chiavazzoli, diretores musicais do projeto e músicos do Gilberto Gil. Além de Ary Dias, Mestre Odilon Costa e muitos outros professores icônicos da música e da percussão brasileira, dos quais tive a honra de ser aluno.

Além do Ginásio do Samba Escola Chile em Olaria, fui professor em outras escolas do município do Rio. Entre elas: três unidades da rede particular Colégio Pinheiro Guimarães na Barra, Copacabana e Ipanema, Colégio Primus em Jacarepaguá, CIEP Vinícius de Moraes no Jacarezinho, E.M. Carlos Chagas em Bonsucesso, E.M. Sérgio Vieira de Mello e CIEP Nação Rubro Negra, ambas no bairro da Gávea. Em todas elas, aplico os conceitos da percussão corporal influenciados por Fernando Barba dos Barbatuques, do qual fui aluno e da Mano Rítmica desenvolvida por mim, por não ser necessário ter instrumentos à mão. No Ginásio do Samba Escola Chile, por termos na escola instrumentos percussivos como surdos, repiques, caixas, tamborins e muitos outros, a percussão instrumental e coletiva é ensinada também, possibilitando diversas formações. Entre elas; rodas de samba, blocos de carnaval, nações de maracatu, bandas de pop rock, etc. Na escola Chile, como mais uma ferramenta pedagógica, fiz uso nas turmas de 7° ao 9° ano do método “O Passo” de Lucas Ciavatta, do qual também fui aluno. Ainda durante o mestrado, fiz um workshop com o artista americano Keith Terry, um dos pioneiros do uso da percussão corporal, ou “Body music”, como ferramenta pedagógica além de artística, em escala internacional.

Articulação entre o estudo desenvolvido e sua prática pedagógica.

Para escolas que não possuem instrumentos percussivos mas que pretendem e podem mudar esse quadro, o cajón pode ser uma alternativa viável pelo seu baixo custo de produção. Uma unidade industrializada do instrumento pode ser encontrada partindo de duzentos Reais atualmente e versões artesanais podem ser produzidas gastando-se menos do que isso. Para escolas que não possuem recursos para compra ou fabricação de instrumentos, a Mano Rítmica e a percussão corporal aliadas aos gêneros musicais brasileiros são possibilidades e potencialidades que podem ser aplicadas sem gasto de verba financeira da unidade escolar, possibilitando a prática percussiva, a compreensão e execução de arranjos elaborados, a prática do canto associado à percussão corporal e a assimilação e a valorização dos ritmos brasileiros como o samba, xote, baião, xaxado, quadrilha, maracatu, samba raggae, ciranda, marchinha, marcha rancho, bumba meu boi, frevo e muitos outros. A intenção é que a feitura do livro possa posteriormente colocar outros educadores e alunos em contato com esses campos de estudo, numa escala nacional de ensino.

Breve história do Cajon no Brasil e no mundo

"Caja" (se pronuncia carra) em espanhol, é o correspondente à palavra "caixa" em português. "Cajón" (se pronuncia carrôn) teria como tradução em português a palavra "gaveta". Realmente o instrumento se assemelha a uma gaveta com um tampo de madeira e esta não é uma mera coincidência.

O cajón nasceu de uma tragédia humanitária: A escravidão de povos africanos. Fontes[1] [2] apontam que no Peru colonial - séc. XVII -, os cativos africanos foram proibidos de tocar tambores pela igreja católica, pois os tambores eram considerados pagãos e um possível meio de comunicação à distância com seus diferentes tipos de toques. As instituições da época temiam que tal comunicação pudesse ajudar a organizar rebeliões contra a coroa espanhola e então todos os tambores encontrados foram queimados. Documentos históricos indicam que à partir de 1813 desaparecem referências a tambores no vice-reinado e por volta de 1850 se tem os primeiros sinais do cajón como instrumento musical. Diante da tal proibição e sendo a música uma necessidade humana de expressão, os escravizados começaram a usar objetos que estavam ao seu alcance como colheres de pau, cadeiras, mesas, caixas de mendicância - possivelmente dando origem ao instrumento cajita - além de caixotes e gavetas de madeira para tocar seus rítmos e acompanhar seus cantos. Nascendo assim o cajón na zona de Chincha, ao sul de Lima - entre outras possiveis regiões - , e a cajita rítmica na região costa - região mais árida, pertencente à Cordilheira dos Andes e polo econômico e comercial do Peru - . A cajita (se pronuncia carrita) se assemelha a uma pequena caixa, percutida no abrir e fechar de sua tampa, combinada com a percussão de uma baqueta de madeira.

O cajón, documentado há mais de um século, hoje é considerado pelo governo peruano "Patrimônio Cultural da Nação". Conhecido, usado e adaptado em muitos países pelo mundo, sua tragetória internacional se deve em grande parte a Paco de Lucia e seu percussionista brasileiro Rubem Dantas[3], que foram os principais responsáveis pela introdução do instrumento na música flamenca (espanhola) após serem apresentados ao instrumento pelo percussionista Carlos "Caitro" Soto em um evento na embaixada espanhola no Perú, na década de 70. A influência musical de Paco e Rubem é tão grande pelo globo, que qualquer busca rápida de internet indica que os instrumentos típicos da música flamenca são: violão, castanhola e cajón. Por desinformação, muitas pessoas acreditam que o cajón tem origem espanhola, mas fato é que o cajón se enquadra em um dos raros casos em que o colonizado, no caso o Perú, influenciou profundamente o colonizador, impondo sua herança cultural de forma dialogal, em um movimento que o históriador Eric Hobsbawm[4] chamaria de "tradição inventada".

Originalmente feito de madeira, em forma de paralelepípedo, o cajón apresenta 3 modelos básicos de construção. O cajón peruano/crioulo, o cajón flamenco/clássico e o cajón inclinado/brasileiro[5]. Hoje há uma grande variedade de cajóns em formatos diversos como caixa clara, bongô, cajón de colo, de mesa e muitos outros, mas aqui vamos dar atenção a estes três tipos. Segundo alguns autores, o cajón peruano não teria cordas ressonadoras internas, tendo a sonoridade do tampo de madeira inalterada. Já o flamenco recebeu cordas (bordões) de violão em contato com a parte interna do tampo, o que lhe conferiu um timbre mais "vivo" na região aguda. Alguns autores defendem que o cajón peruano já apresentava esse artifício de usar cordas internas. Já o cajón brasileiro, difere de seus antecessores em dois aspectos; apresenta o tampo inclinado para uma postura mais ereta da coluna do percussionista durante a execução musical e na parte interna do tampo, uma esteira de caixa clara, lhe conferindo uma sonoridade ainda mais viva e vibrante na

1 https://www.feandalucia.ccoo.es/docu/p5sd11604.pdf (acesso em 07/02/2023)
2 https://www.peru.travel/pe/masperu/cajon-peruano-como-se-creo-uno-de-los-instrumentos-mas-conocidos-en-el-mundo (acesso em 04/01/2023)
3 https://www.youtube.com/watch?v=YHhkgx6I7jI (acesso em 04/01/2023)
4 HOBSBAWM, ERIC. A invenção das tradições. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Pág. 9)
5 CASTRO, Ruiter. O cajón brasileiro: Teoria, partituras e videos. 1ª Ed. Brasília: Musimed, 2018. (Pág. 12 e 13)

região aguda do instrumento. O modelo dito brasileiro é creditado a Pithy Cajonero[6], que o teria construído para a percussionista Thamyma Brasil e que foi apresentado ao Brasil e ao mundo na gravação do CD e DVD "Acústico MTV Cássia Eller".

Pela produção simples, custo de produção baixo, portabilidade, versatilidade ritmica e pouca necessidade de manutenção, o cajón vem ganhando popularidade no Brasil e em diversas partes do mundo. Aqui propomos nossa modesta contribuição para o desenvolvimento e diálogo do cajón com a música brasileira. Bons estudos!

6 FREITAS, Daniel. Método de cajón - O cajón, suas histórias e os seus sons. 1ª Ed.Ed. Musical concept. (pág. 9)

O Cajón